

LOCAL

L I S B O A

Supermercado de Paço de Arcos faz barulho e complica estacionamento de residentes

Vizinhança difícil

DANIEL ROCHA



A gerência do supermercado assegura que não se poupa a esforços para ter uma boa relação com a vizinhança, reconhece que há pormenores a limar e lembra que presta serviços à população 16 horas por dia. Mas os vizinhos mais próximos não se conformam com as mudanças que o estabelecimento AC Santos de Paço de Arcos levou às suas vidas desde que abriu, há pouco mais de 15 dias.

Tentando recuperar o sossego perdido, querem que o armazém do supermercado seja insonorizado e vão dirigir um abaixo-assinado ao presidente da Câmara de Oeiras, Isaltino de Moraes, dando conta do que se está a passar. Os serviços de fiscalização da autarquia afirmam desconhecer a situação, mas se houver queixas formais estão dispostos a pedir medições de ruído e a actuar, caso sejam ultrapassados os dez decibéis previstos na lei. É um caso de vizinhança difícil.

p. 42

Funchal

Câmara corta água a hotel poluidor

A CÂMARA Municipal do Funchal decidiu ontem cortar o abastecimento de água ao Hotel Apartamentos do Mar, por este continuar a poluir a orla marítima e não ter ainda instalado equipamento capaz de tratar os esgotos, tal como fora notificado a fazer pela autarquia.

Esta unidade hoteleira fora notificada — à semelhança de outras da zona oeste da cidade — para executar a remodelação e montagem de equipamento capaz de garantir a bombagem de esgotos, o que não fez nos prazos fixados pela autarquia e várias vezes prorrogados.

A Câmara notificou também o Hotel Baía Azul para, até dia 23, proceder à alteração interna da rede de esgotos, por forma a não utilizar a ligação à rede pluvial, com esgotos residuais, nomeadamente da piscina. Findo o prazo, e em caso de incumprimento, a câmara cortará a ligação da rede de esgotos pluviais do hotel à rede pública. ■

Torres Novas

Helicóptero caiu fogos continuam

UM HELICÓPTERO da Aero-Condor caiu anteontem, às 17h50, em Alqueidão, concelho de Torres Novas, quando combatia um incêndio na zona e depois de se ter reabastecido de água numa charca. Tiago, o piloto português que o comandava, não sofreu ferimentos, ao contrário do helicóptero, que ficou bastante danificado, de acordo com o comandante Manuel Oliveira, dos bombeiros da Sertã.

As causas da queda são ainda desconhecidas, e “estão a ser agora averiguadas” acrescentou. A zona foi isolada, enquanto a remoção do helicóptero ainda ontem era aguardada.

Entretanto, em Água Boa, concelho de Tomar, um fogo lavrava ontem à noite e desde o meio da tarde, tendo já destruído nessa altura mais de seis hectares de mato. As 18h00 foi extinto um fogo iniciado às 15h00 no lugar da Longra, em Tomar, sinistro que destruiu uma área ainda não calculada de pinhal, eucaliptal e mato. Outros fogos requisitaram a intervenção dos bombeiros em Torres Novas, Ourém, Barquinha, Abrantes, Alcanena e Constância. ■

Indústrias limpas em Palmela

UM GRUPO de investidores alemães vai construir em Palmela um parque industrial destinado à instalação de indústrias não poluentes. O projecto, que prevê a instalação total de 15 empresas multinacionais alemãs, já em fase de negociação, apresenta um investimento da ordem dos cinco milhões de contos e a sua implantação insere-se na “estratégia de complementaridade” ao projecto da Ford-VW.

O empreendimento, designado por Ecoparque, possui já autorização camarária e o seu projecto final está a ser elaborado por uma equipa de técnicos das empresas Finurba e Partex, esta última ligada à Fundação Calouste Gulbenkian. O Ecoparque possuirá espaços para a instalação de pequenas unidades industriais e um centro de lazer. ■

CIDADE CAPITAL DO TEATRO
COIMBRA 92citemor92
festival de teatro de montemor-o-velhoAtelier de Teatro/João Grosso · Meia Preta · O Bando
Ópera Segundo São Mateus · Citec
Aparte · Olho · Gretua · Teatro do Século

Von Magnet · Cassandra Complex · Test Dept.

24 julho · 22 agosto

todas as pedras · todos os caminhos · todos os lugares · todas as palavras · todas as músicas · todo o teatro

Organização: Centro de Iniciação Teatral Ester de Carvalho · Associação Fernão Mendes Pinto

Patrocínio: Câmara Municipal de Montemor-o-Velho · Secretaria de Estado da Cultura · Secretaria de Estado da Juventude · Apoios: Fundação Calouste Gulbenkian · Governo Civil de Coimbra · INATEL · Região de Turismo do Centro

Shi

>> Iho aumenta os efeitos de que gosto; e estes últimos trabalhos são recortados ao contorno exacto do desenho.

P. — Os desenhos têm autonomia na sua produção?

R. — Sim. Quando eu fazia as sombras e lençóis usava muito desenho preparatório, de trabalho, para cortar sobre o plexiglas. Mas eles têm vida própria. É possível desenhar sem pensar em termos práticos, de projecto.

P. — Falou ainda agora de produção em série. Como tem conciliado esse gosto e prática com o gosto e prática do trabalho manual no seu sentido mais íntimo (as serigrafias da revista "KWY", os lençóis bordados à mão, as colagens)?

R. — Foram encomendas, por vezes. Mas eu falo em "industrial", genericamente, para falar de objectos que não são artísticos: "pulovers", almofadas, gravatas em plexiglas. Quando eu fazia os lençóis, houve uma encomenda da Fundação Woolmark a artistas para visitarem as fábricas e fazerem projectos de cobertores que depois foram vendidos nos grandes armazéns de França. Eu não usei o padrão, fiz uma única imagem em tamanho natural que foi aceite: o de casal, com um casal; o de criança, com uma menina; o individual, com uma jovem.

"A sombra não é uma fantasia"

P. — Submete esta exposição ao tema da sombra. Chegou a ele através de uma pesquisa teórica, digamos que literária e historiográfica?

R. — Estes trabalhos começaram exactamente em 1962. Eu fazia com o René Bertholo, praticamente sozinho, a revista do nosso grupo, a "KWY". Fazíamos as serigrafias no quartinho onde vivíamos e, como resolvi imprimir directamente os objectos que na altura usava em colagens e "assemblages", reparei que eram as suas sombras que a seda serigráfica imprimia. Eu estava aberta a todo o tipo de novas imagens e processos. Não me sentia presa a nada, estava era atenta a tudo. Essa é uma das razões por que não uso o termo silhueta; ele já está demasiado conotado visualmente em termos da cultura francesa e ocidental. A outra é porque isso

são de facto fixações de sombras projectadas.

P. — Essa liberdade que já referiu duas vezes de onde vinha: do afastamento do país, da Escola de Belas-Artes?

R. — O nosso grupo, Escada, João Vieira, René, Gonçalo Duarte, Costa Pinheiro, resolveu partir. Onde é que nós podíamos ver as coisas, os originais, as obras-primas, se não lá fora? Chorámos abraçados quando vimos o primeiro Klee... Partimos em 1957 para Munique, passámos fome, comíamos através da assistência da Cruz Vermelha, mas fazíamos o que queríamos. Já no ano anterior tínhamos viajado pela Europa à boleia para trabalharmos num campo na Alemanha. Era uma aventura, na época!

P. — A sombra pertence a um mundo irreal ou ao mesmo mundo dos objectos?

R. — A sombra pertence ao mundo real, não é uma fantasia; existe, nós é que a não vemos ou não lhe damos importância e por isso somos mais pobres.

P. — Que tipo de projecto tinham os portugueses e estrangeiros que em Paris criaram o "KWY"? Como se estabelecia a vossa relação com o "nouveau réalisme"? Discutiam muito?

R. — Éramos amigos de emigração. Não nos limitávamos a uma linha. Dávamos-nos com quem gostávamos. Não era uma escola... Cada um aproximava-se de quem gostava e queria. Nessa altura, ainda havia discussões que hoje perderam sentido, como a da oposição "abstracto/figurativo". Mas falávamos muito. Todos nós tínhamos pintado abstracto, informal, ou feito uma pintura de sinais e escritas; depois, evoluímos para o interesse pelos objectos, pelas figuras, a banda desenhada... A revista que editamos não tem muitos textos teóricos; são mais poéticos e criativos...

P. — Acha que estas exposições fecham um ciclo? Ou no seu conjunto são em si mesmo um ciclo?

R. — Talvez ambas as coisas. Eu tenho ritmos decenais. Estive dez anos em Paris sem ter nenhuma exposição. Tive um período de dez anos de grande criatividade em torno das sombras... Depois de todo este barulho sou capaz de meter de novo na toca... Continuar os meus "álbums de família" e outras coisas. ■ LP.



Lourdes de Castro folheando um exemplar da "KWY" (serigrafia de Martial Raysse)

"KWY" uma revista no seu próprio tempo

Uma revista quase desconhecida de que todos falamos. Doze números, num crescendo de valor artístico e icónico, feitos por um grupo de artistas de Portugal e da Europa central, reunidos em Paris, à espera da fama, nos anos 60.

A revista "KWY", que saiu entre Maio de 1958 e o Inverno de 1963, dá expressão a um grupo heterogé-

neo de artistas de Portugal (Lourdes Castro, René Bertholo, José Escada, Gonçalo Duarte, Costa Pinheiro, João Vieira), Alemanha (Jan Voss) e Hungria (Christo), reunidos em Paris, no acaso das inúmeras migrações artísticas que, nos anos 50, continuavam a fazer sentido cultural, principalmente para quem provinha de pequenos países, artisticamente pobres e politicamente repressivos.

Tendo-se tornado difícil avançar com um colectivo tão alargado e dispersivo, Lourdes e René resolveram restringir a concepção da revista a eles próprios, Christo e Voss e acordaram em que ca-

O nome do grupo terá sido invenção dos portugueses, seduzidos pelo valor visual e simbólico de três letras inexistentes no nosso alfabeto (numa altura em que a relação entre escrita e pintura era intensamente explorada) e, depois, pelos trocadilhos verbais que possibilitava ("Ká Wamos Yndo"; "O KeWYmos", secção de recenções da revista, etc.). Os portugueses, conhecidos todos da Escola ou da boémia lisboeta, constituíram o primeiro núcleo significativo de emigração artística depois dos intensos anos 10, numa esperança de internacionalização que afinal não se concretizou.

A revista começou a ser feita exclusivamente por Lourdes Castro e René Bertholo. Os primeiros números eram como que uma carta aos amigos. Depois, iniciou-se a colaboração de todos os elementos do grupo e de muitos outros portugueses, ligados à colaboração escrita, emigrados ou não, como João Vidal, J. M. Simões, José Gil, Helder Macedo, Nuno Bragança, Cristovam de Pavia, Alfredo Margarido, António Areal, José-Augusto França; ou estrangeiros, como André Pieyre de Mandiargues, Karl Laszlo, Benjamim Peterson. Ao longo dos primeiros seis números, o projecto foi ganhando sentido de revista de artistas (nunca de revista teórica), recolha sensível de imagens e textos, de tal modo que desenvolverá por vezes temas específicos (o número 8, Outubro de 1961, conhecido como "número Vostok", comemora a primeira viagem tripulada ao espaço; o 11, Primavera de 1963, homenageia Yves Klein). O trabalho fazia-se no "atelier"-casa de Lourdes e René, que possuíam uma máquina de impressão serigráfica onde todas as imagens originais da revista eram realizadas. A título de exemplo, citem-se originais (que os assinantes da revista recebiam devidamente numerados, assinados e datados) de todo o grupo e ainda de Vieira e Arpad, Saura, Millares, Peter Saul, Corneille, Tinguely, Klein, um objecto "op" de Soto, postais sobre desenhos originais de Le Parc, Cruz-Diez, Alberto Greco, Aleschinsky, Telemaque, etc.

Tendo-se tornado difícil avançar com um colectivo tão alargado e dispersivo, Lourdes e René resolveram restringir a concepção da revista a eles próprios, Christo e Voss e acordaram em que ca-